



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

MAIRA HELEN SANTOS FERREIRA

**O ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA E SUAS ARTICULAÇÕES A RESPEITO
DA MASCULINIDADE**

São Cristóvão/SE

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

MAIRA HELEN SANTOS FERREIRA

**O ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA E SUAS ARTICULAÇÕES A RESPEITO
DA MASCULINIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para a aprovação no Curso de Graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura) do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Sergipe.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Livia de Rezende Cardoso

São Cristóvão/SE

2022

RESUMO

O surgimento do movimento feminista contribuiu grandemente para a obtenção de direitos antes esquecidos para as mulheres. Além desses direitos, a representatividade feminina ganhou espaço em diversos setores, aumentando a igualdade de gênero na sociedade. Vendo todos os progressos até então conquistados, por que não ascender a masculinidade da forma como ela deve ser empregada, de forma respeitosa e que permita a equidade entre os gêneros? O objetivo desse trabalho é investigar como o ensino de ciências e biologia pode contribuir com a formação do aluno sobre questões acerca do gênero e sexualidade masculina. Dividida em quatro etapas, a metodologia compreende realizar: a busca ativa de artigos científicos na plataforma de dados *Scielo*, a coleta de informações a partir do levantamento de dados contidos nas bibliografias selecionadas, o estudo do tema proposto com a formação da masculinidade em alunos e a análise dos resultados. A busca ativa possibilitou encontrar 220 artigos, sendo destes 17 selecionados por meio da leitura breve do título e resumos a respeito do tema proposto. Espera-se com esta pesquisa demonstrar a possível contribuição das aulas de ciências e biologia para a formação dos alunos a respeito do gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Diversidade. Feminismo. Gênero. Sexualidade.

ABSTRACT

The emergence of the feminist movement contributes greatly to the achievement of rights previously forgotten for women. In addition to these rights, female representation has gained space in several sectors, increasing gender equality in society. Seeing all the progress made so far, why not elevate masculinity the way it should be used? The objective of this work is to investigate how the teaching of science and biology can contribute to the formation of the student on questions about gender and male sexuality. Divided into four stages, the methodology comprises: the active search for scientific articles on the Scielo data platform, the collection of information from the collection of data contained in the selected bibliographies, the study of the proposed theme with the formation of masculinity in students and the analysis of results. The active search made it possible to find 220 articles, of which 17 were selected through a brief reading of the title and abstracts on the proposed topic. It is hoped with this research to demonstrate the possible contribution of science and biology classes to the education of students about gender and sexuality.

Keywords: Diversity. Feminism. Genre. Sexuality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Roteiro de Trabalho.	18
Figura 2 – Modelo de bonecxs.	23
Figura 3 – Ambiente virtual do jogo Papo Reto.....	25
Figura 4 - Questionário de conhecimentos sobre sexualidade (QCS).	26

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Artigos científicos por palavras-chaves	19
Tabela 2 – Número de artigos científicos após a mudança de palavra-chave.....	19

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Classificação dos artigos.	20
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1	Gênero, Sexualidade e Educação	12
2.2	O papel da sociedade na formação de discursos discriminatórios	14
2.3	Biologia para o corpo, gênero e sexualidade.....	15
3	METODOLOGIA.....	17
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	19
4.1	Coleta de fontes bibliográficas.....	19
4.2	Levantamento dos dados bibliográficos	20
4.3	Gênero e sexualidade masculina no ensino de Ciências e Biologia	21
4.4	Possibilidades de recursos didáticos para o desenvolvimento da igualdade de gênero na escola	22
4.5	A masculinidade e a escola	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS	30

1 INTRODUÇÃO

Desde o surgimento do movimento feminista, diversos estudos foram feitos a respeito de gênero e sexualidade, promovendo assim espaços de discussão e troca de conhecimentos. A partir disso, as mulheres conquistaram direitos antes esquecidos para esse grupo de pessoas. Pode-se dizer que uma nova visão de formação foi implementada, construir novas meninas para o novo mundo, no qual refere-se em instruir, educar as jovens para que continuem buscando seus direitos. O interesse pelo tema apresentado no presente trabalho se deu por inquietações reunidas ao longo dos anos, por ser mulher e viver em uma família católica e patriarcal, passei por situações de restrições como o que devo ou não fazer, como devo ou não me comportar, os locais que devo ou não visitar e regras bem definidas de convivência, as quais meu irmão não foi submetido.

Essas inquietações me fizeram entender que, também se tornou importante voltar os estudos para a masculinidade, completar a nova visão de construir novas meninas para o novo mundo, mas abranger o universo masculino também de modo a problematizá-lo e ajudar na reconstrução do ser másculo. Com esse pensamento, é perceptível que estudar a masculinidade torna-se uma questão necessária para a instalação de uma sociedade com equidade entre os gêneros, com cidadãos mais críticos e respeitosos, mesmo sendo longa, é importante. Afinal, o novo mundo já está disponível, então as duas partes precisam de estudos e de espaço de discussão. Para Gabarino (2021, p. 5), “as crenças subjetivas são permeadas pelas posições, historicamente diversas, dos grupos culturais de pertencimento que interpretam as práticas sexuais e as identidades de gênero”.

Esses espaços de discussão e formação de opiniões podem e devem surgir dentro das escolas. Para Lima e Godoy (2021), a escola é um dos primeiros ambientes no qual as crianças e jovens desfrutam da socialização exterior ao meio familiar, pois é nele que diversas pessoas, com diversas vivências e juízos convivem. A feminilidade e a masculinidade são um conjunto de comportamentos e atributos inerentes aos alunos. Para Takara (2021), as mídias por meio dos seus canais apresentam sentidos a cerca dos corpos, das práticas e dos modos de ser, mostram ideais de corpos e instigam e ensinam com estereótipos sobre os anseios sexuais. Para entendermos como o tema proposto está sendo abordado atualmente, será realizado um levantamento bibliográfico na plataforma de periódicos *Scielo*, em que os artigos publicados entre os anos de 2016 e 2021 serão selecionados e analisados para formação de um texto específico das informações encontradas para o tema proposto.

A problemática deste trabalho está voltada para a seguinte pergunta: o que discutem as pesquisas publicadas na plataforma *Scielo* sobre como o ensino de Ciências e Biologia pode contribuir com a formação da masculinidade em sala de aula? Acredita-se que o ensino de questões que envolvem corpo, gênero e sexualidade esclareçam pontos importantes e essenciais na formação da masculinidade dos alunos, problematizando e desconstruindo estereótipos.

Para desenvolver este estudo, o trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, são apresentados os conceitos sobre gênero, sexualidade e sua relação direta com a educação. Destaca-se, ainda, a formação da identidade de gênero e como suas singularidades estão presentes na sociedade. Para Lima (2020), “é pelo modo como as pessoas se sentem, se identificam e se situam no mundo que se estabelece a identidade de gênero”. O papel da sociedade e suas contribuições para discursos discriminatórios, são tratados no capítulo dois. No último capítulo é apresentado como a Biologia e a Ciência podem contribuir para a o entendimento do gênero, corpo e sexualidade e seus percalços enfrentados para garantir o respeito e igualdade entre os diferentes tipos de seres, segundo as pesquisas publicadas na plataforma *Scielo*.

Dentro dessa perspectiva o objetivo principal é investigar como o ensino de Ciências e Biologia pode contribuir com a formação do aluno sobre questões acerca do gênero e sexualidade masculina. Tendo como específicos realizar o levantamento bibliográfico a respeito de recursos didáticos sobre questões de gênero e sexualidade masculina no ensino de Ciências e Biologia, apresentar de forma subjetiva como o tema proposto está sendo empregado na literatura e relacionar a abordagem do tema proposto com a formação da masculinidade nas escolas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Gênero, Sexualidade e Educação

Mesmo com todos os avanços promovidos na educação, ainda é possível notar certa dificuldade em discutir nas salas de aula sobre gênero e diversidade sexual. Segundo Cardoso *et al.* (2020), os estudos a respeito do tema são considerados como ameaça por questionarem a heterocisnormatividade, que para Paranhos (2016), é o estabelecimento dos padrões de gênero em consonância com o sexo biológico. As atividades executadas na sociedade, muitas vezes, estão associadas ao corpo feminino e masculino e para alguns autores, como Anjos e Cardoso (2014), noções de feminino e masculino são compreendidas como efeitos das normas de gênero, contrariando a existências de corpos naturais.

Para a formação das identidades de gêneros Santos (2005), aborda duas instâncias:

Em primeiro lugar, as identidades são sempre múltiplas, compostas por um número infinito de “componentes de identidade” – classe, orientação sexual, gênero, idade, nacionalidade, etnia etc. – que se podem articular de inúmeras formas. [...] Em segundo lugar, qualquer identidade construída – como, de resto, todas são – é arbitrária, instável e excludente, uma vez que implica o silenciamento de outras experiências de vida. (SANTOS, 2005)

Ao se tratar corpo masculino, para Reis (2011), estudos abordam significados sobre ser menino nas primeiras séries do ensino regular. Para alguns autores são atribuídas as seguintes características masculinas culturalmente aceitas pela sociedade, agitação, dispersão, desorganização, desatenção, agressividade, indisciplina, coragem, força, maior envolvimento em brigas, alta competitividade, desejo de só brincar, gosto pelo futebol, não aceitam ordens, gostam de bagunça, não choram, brincam só de bola e super-herói, qualquer menino que tenha uma ou mais características contrárias as citadas são considerados afeminados, viados, gays, boiolas ou mulherzinhas pelos seus pares.

Para Freitas *et al.* (2020), o acesso ou ampliação do acesso na escola a pesquisas voltadas para as questões de gênero e sexualidade, diferenças e diversidade, ajudaria a produzir mudanças consideráveis no cotidiano escolar. Segundo Pessoa (2012), é no ambiente escolar que o primeiro contato com a diversidade de indivíduos acontece, a educação neste sentido precisa dar resposta as diferenças existentes em sala de aula, orientando alunos e alunas em uma perspectiva compreensível quanto às diferenças de gêneros e de sexualidade.

França e Calsa (2011) compreendem como gênero a condição social que identifica os sujeitos como homens e mulheres nas variadas dimensões de masculinidade e feminilidade. Pessoa (2012), as maneiras de ser homem e ser mulher são construídas no âmbito da cultura,

significa que o homem e a mulher são frutos de sua realidade social e não da anatomia dos seus corpos.

Segundo Cruz e Palmeira (2009), por meio da história as mulheres têm exercido papéis secundários na sociedade em relação aos homens. Esses diferentes papéis se originaram numa dita superioridade masculina construída culturalmente a partir das diferentes formas de educar homens e mulheres. Desde a criação das escolas mistas em 1920, os métodos educacionais vêm procurando igualar os acessos, contudo a relação de superioridade dos homens ainda permeia nos tempos atuais, seja pela imposição da sociedade ou por professores que fazem uso de práticas que deixam transparecer, os estereótipos e preconceitos de gênero.

Problemas vividos na sociedade como homofobia, machismo e feminicídio, podem ser combatidos à medida que os temas são tratados nas escolas. Para Louro (2007), desprezar pessoas por terem relacionamento homossexual, parece ser uma atitude comum, corriqueira, talvez mesmo “compreensível”. A prática da intolerância é mais intensificada em indivíduos do sexo masculino e a formação dessa masculinidade deve ser tratada da melhor maneira possível, a sexualidade ou as tensões em torno dela, mediante a literatura constituem-se numa questão que vale a pena colocar em primeiro plano.

Brabo e Oriani (2013), informam que pesquisas trazem dados de que as escolas, de certa maneira, ainda desenvolvem práticas que promovem a cultura da desigualdade. Promover um ambiente igualitário é dever das instituições educacionais, para Fialho e Nascimento (2017) a escola não é apenas um espaço transmissor de informações, mas também um espaço de descoberta e produção de conhecimentos que agregam valores sociais e culturais.

Existem diversas formas de lidar com as questões a respeito das diversidades, entretanto a masculinidade é pouco discutida em salas de aula. Para Connell e Messerschmidt (2013), existe uma tendência de crescimento de estudos sobre os homens, ansiedades sobre homens e meninos, posição feminista sobre o patriarcado e modelos sociais de gênero.

Pesquisas sobre homens e masculinidade estavam se consolidando como um campo acadêmico, apoiado por uma série de conferências, pela publicação de livros e revistas acadêmicas, e rapidamente expandiu a agenda de pesquisas nas ciências sociais e humanidades (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013).

O ensino de Ciências e Biologia podem trazer diversas visões como a de que o conceito de gênero é a construção sociais de papéis que os indivíduos atribuem ao sexo biológico. Para Pessoa (2012), as ciências sociais têm um papel fundamental para a desnaturalização dos papéis de gênero, demonstrando o que consideramos como atributos, modos de agir, falar e pensar relacionado à masculinidade de feminilidade.

Para Santos (2012), considerar a biologia como processo de construção humana, história e em transformação, permite aos discentes repensar suas práticas pedagógicas, mudar metodologias e buscar teorias que subsidie o contexto educacional. Figueiredo e Fernandes (2019) dizem que a Biologia é uma disciplina escolar intimamente ligada às normas de gênero e os significados que são atribuídos aos corpos, principalmente no que tange a sexo/reprodução. Nesse sentido, utilizar-se das aulas de Ciências e Biologia para a formação da masculinidade parece um recurso promissor, pois pode desconstruir o determinismo biológico das atividades sociais das mulheres na família e na sociedade.

Uma das consequências mais significativas sobre a desconstrução da oposição binária homem-mulher é ressaltada por Louro (1997), quando se fala na possibilidade de compreender e incluir diferentes formas de masculinidade e feminilidade. Quebrar essa dicotomia poderá trazer para a sociedade homens e mulheres, que vivem masculinidades e feminilidades de formas diversas das hegemônicas e que muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as, contemplando os interesses, as experiências e os questionamentos desses seres.

2.2 O papel da sociedade na formação de discursos discriminatórios

O determinismo biológico e a posição de alguns religiosos frente aos seres homem e mulher, rotulam as pessoas e aprisionam em “caixinhas” padrão. Para Cardoso, Bertoldo e Santos (2020), tais classificações fazem com que alguns grupos sejam vistos na sociedade como menos humanos que outros, delineado por costumes e tradições moralistas, justificado por cometer pecado ao ir de encontro as leis de Deus.

Por posicionamentos que colocam os homens como seres superiores as mulheres, desencadeou durante a história a construção do sistema opressor do patriarcado. Ribeiro (2021), aponta que o responsável por manter e sustentar a dominação do ser masculino sobre o feminino, é esse sistema. “Esposa, obedeça ao seu marido, como você obedece ao Senhor. Pois o marido tem autoridade sobre a esposa, assim como Cristo tem autoridade sobre a igreja” (Ef 5, 22-23), este é um trecho da carta escrita pelo apóstolo Paulo para a igreja de Éfeso, a passagem é usada atualmente como forma de menosprezar a ação da mulher perante a sociedade por parte de extremos religiosos.

Além da religião, as mídias também influenciam de forma involuntária como os meninos e meninas devem se comportar ou o que devem usar. Para Moraes e Schmidt (2010), é possível evidenciar a expressiva maneira como a mídia delimita, ensina e de forma natural

disponibiliza o mundo masculino e feminino. Meninos devem possuir uma vida aventureira e cheias de emoções e meninas usando roupas e indo ao *shopping* são mostrados como forma correta de cada um se portar na sociedade e ações divergentes são consideradas como estranhas e fora do padrão.

No ano de 2019, um comentário realizado pela ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, em um vídeo nas redes sociais afirmou que o Brasil estaria em uma nova era, em que menino veste azul e menina veste rosa. O posicionamento da ministra em ser evangélica, utilizar a mídia para tal discurso e associar seu cargo político para promover discursos ditos como conservadoristas, que inibem à livre escolha da população é ameaçador a igualdade de gênero, Santana e Santos (2021) questionam, em tempos de pandemia e de governo conservador, racista, misógino, homofóbico e autoritário, quais os desafios postos ao movimento feminista?

Há uma clara política de desinvestimento, deixando as instituições incapazes de assegurar o bem-estar, saúde e vida as mulheres, além de ter aumentado os índices de violência contra a mulher. O governo tem demonstrado o descaso com as políticas públicas para as mulheres. Restando ao movimento feminista, traçara estratégia de aliança e resistência para fazer frente tendo em vista não perder direitos já conquistados (SANTANA e SANTOS, 2021).

Para Martins e Nascimento (2021), a sociedade está passando por um grande problema social, a violência doméstica. Os autores destacam que os índices de agressões contra mulheres têm aumentado nos últimos tempos, principalmente devido a pandemia. Torna-se necessário ajustar aos novos tempos com legislação aplicável, para poder conter o desenfreado descontrole de tentativas e em muitos casos a consumação do feminicídio contra a vida.

2.3 Biologia para o corpo, gênero e sexualidade

Dentro das perspectivas apresentadas e diante do contexto social enfrentado atualmente pelas mulheres na sociedade, é mais do que imprescindível que o assunto corpo, gênero e sexualidade seja tratado no ambiente escolar. Santos, Machado e Lopes (2021), ressaltam que falar em gênero, corpo e sexualidade na perspectiva da diversidade e acolhimento das diferenças para igualdade pode ser desafiador para estudantes e profissionais da Biologia.

Por meio da vivência dos alunos em salas de aula, principalmente nas disciplinas de Ciências e Biologia, é possível movimentar os saberes, pois para Unger e Cardoso (2021), a aula pode se transformar em lugar de produção de confrontos sobre o pensamento comum a

respeito do sexo, debatido em coletivo com o objetivo de gerar reflexões a respeito da conformação dos corpos.

Além de considerar os discursos sobre gênero e sexualidade como construções históricas e culturais, como governo de condutas, consideramos importante, também, pensá-los no cruzamento com os discursos da ciência moderna. Nesse cruzamento, diferenciadas demandas aos sujeitos entram em conflito a depender das formações discursivas, o que torna o sujeito das aulas experimentais de ciências um ser conflituoso (CARDOSO e PARAÍSO, 2015).

Além dos assuntos tratados no ensino regular nas escolas, é sabido que esse espaço deixa marcas expressivas nos corpos e ensina a usá-los de uma determinada forma. Para Cardoso e Santos (2014), a desigualdade de gênero observada nas escolas é algo naturalizado porque os sujeitos envolvidos no processo não prestam a atenção de que isso é construído por eles mesmos, são ações cotidianas e enraizadas pela comunidade escolar que provocam a assimetria de conhecimentos, a exemplo quando a professora de matemática não envolve as meninas em suas aulas porque os meninos é que possuem mais afinidade.

Santos (2021), afirma que os professores de Ciências e Biologia são importantes agentes de discussão nas salas de aula e que por muitas vezes são delegadas as eles a incumbência de tratar assuntos relacionados aos sistemas genitais e a sexualidade. Mesmo que essa responsabilidade que seja delegada a esses professores, eles não conseguem lidar com essas questões de forma efetivamente clara e acabam reproduzindo ideias estigmatizadas e estereotipadas que dificultam uma abordagem que acolha as diversidades sexuais e de gênero.

Analisando o processo de ensino e aprendizagem, relacionando o quão pode ser difícil tratar em sala de aula um tema complexo como corpo, gênero e sexualidade, as indicações didáticos-metodológicas tradicionais não ajudam. Para Souza, Dornelles e Meyer (2021) é possível fazer uso de artefatos culturais que diversifiquem significados culturais como filmes, novelas, músicas, jogos, textos em diálogo com as temáticas da Educação Sexual. Pode-se então utilizar-se de estratégias que possibilitem múltiplas possibilidades para alterar o currículo da Licenciatura em Biologia, provocando outros modos de compreensão e acionamento político de corpo, gênero e sexualidade para uma formação de professores comprometidos com a vida igualitária.

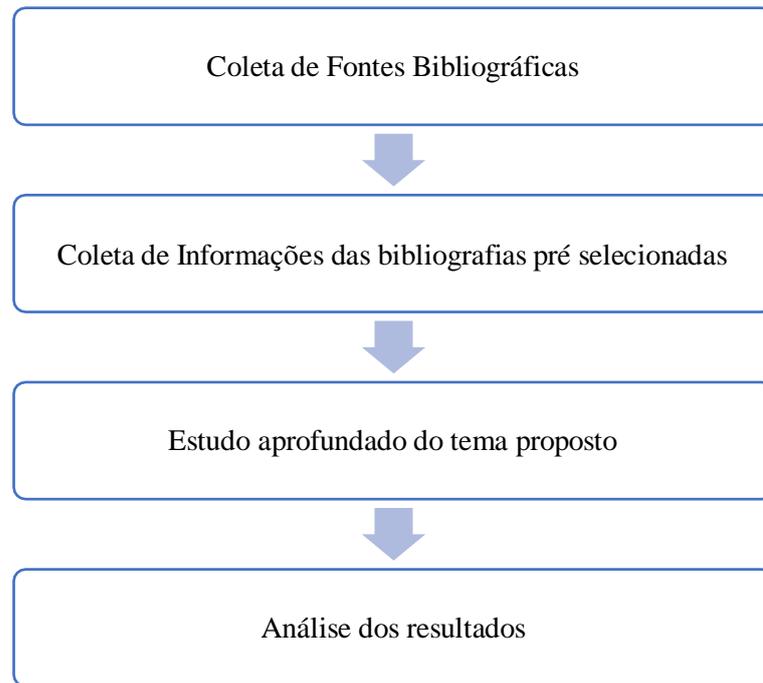
3 METODOLOGIA

Para realizar o presente estudo, será utilizado o método de pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2002), é desenvolvida com base em materiais já elaborados, constituindo-se principalmente de livros e artigos científicos. Para tal método, foram realizadas quatro etapas: (i) a coleta de fontes bibliográficas em base de periódicos *Scielo* dos últimos cinco anos; (ii) logo após, a coleta de informações a partir do levantamento de dados contidos nas bibliografias selecionadas; (iii) o estudo do tema proposto com a formação da masculinidade em alunos; e (iv) finalizando com a análise dos resultados. A pesquisa então pode ser classificada como exploratória, pois busca maior familiaridade com o problema apresentado, a fim de torná-lo explícito ou a constituir hipóteses.

Ao término da primeira etapa, foi realizada uma leitura crítica e objetiva, buscando a partir do estado do conhecimento verificar a existência ou não de informações a respeito do tema proposto e de acordo com os objetos da pesquisa, segundo Romanowski e Ens (2006), o estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado vem sendo denominado na literatura de “estado do conhecimento”. Nessa leitura serão extraídos os artigos que estejam diretamente relacionados à linha de pesquisa proposta. Das bibliografias selecionadas, foi elaborado um texto de análise dos dados apresentados, relacionando a abordagem do tema proposto com a formação da masculinidade nas escolas.

A figura 2 mostra o esquema das etapas a serem realizadas para a conclusão da metodologia:

Figura 1 – Roteiro de Trabalho.



Fonte: Autoria própria.

Para o levantamento da bibliografia, foram utilizadas as seguintes palavras chaves: sexualidade, recursos didáticos e sexualidade, masculinidade e o ensino, biologia e sexualidade. Foi utilizado o período de 2016 a 2021 para a busca de artigos científicos, com a finalidade de construir um plano temporal envolvendo a temática, garantindo-se, assim, a atualidade da produção, verificando as ações e recursos implementados em salas de aula e constatar se estes, dentro do tempo estudado, contribuem para a formação da masculinidade nas escolas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Coleta de fontes bibliográficas

Na primeira etapa da metodologia empregada, foi realizada a busca de artigos científicos na plataforma *Scielo*, sendo sexualidade, recursos didáticos e sexualidade, masculinidade e o ensino, biologia e sexualidade palavras chaves usadas. Na tabela 1, é possível verificar as quantidades de resultados por categoria pesquisada.

Tabela 1 – Artigos científicos por palavras-chaves.

Palavras-chaves	Resultados
Sexualidade	911 artigos científicos
Recursos Didáticos e Sexualidade	1 artigos científicos
Masculinidade e o Ensino	8 artigos científicos
Biologia e Sexualidade	2 artigos científicos
Total: 922 artigos	

Fonte: Autoria própria.

No primeiro momento de busca, foram encontrados cerca de 922 artigos científicos para as palavras-chaves em mostradas na tabela. Então, verificou-se a necessidade de restringir ainda mais a buscas dos artigos, pois apenas o uso da palavra-chave sexualidade trouxe uma gama de artigos longe da linha de pesquisa aqui pressuposta. Tomou-se então a decisão de atrelar a palavra educação à sexualidade com a finalidade de conseguir uma maior qualidade de busca. Na tabela 2 são apresentados os números após uma nova pesquisa.

Tabela 2 – Número de artigos científicos após a mudança de palavra-chave.

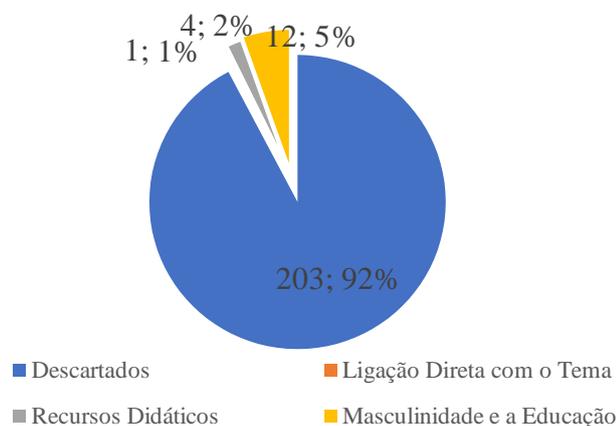
Palavras-chaves	Resultados
Sexualidade e educação	209 artigos científicos
Recursos Didáticos e Sexualidade	1 artigos científicos
Masculinidade e o Ensino	8 artigos científicos
Biologia e Sexualidade	2 artigos científicos
Total: 220 artigos	

Fonte: Autoria própria.

A partir da nova pesquisa, foram encontrados cerca de 220 artigos científicos, número considerado razoável para análise. Então, um filtro por título e leitura breve do resumo, relacionado ao tema proposto, foi executado para que fossem selecionados apenas os relevantes

para esse trabalho. Dentre os artigos, cerca de 203 foram descartados, informados no gráfico 1, por terem suas pesquisas voltadas para os temas de: saúde e educação nas escolas; diversidade sexual nas escolas e discursos discriminatórios a respeito de gênero e sexualidade.

Gráfico 1 – Classificação dos artigos.



Fonte: Autoria própria.

Portanto, 17 artigos foram selecionados para compor os resultados dessa pesquisa, sendo um relacionado com o tema proposto (1) e 16 divididos em recursos didáticos para auxílio do desenvolvimento de igualdade de gênero nas escolas (4) e como a masculinidade se mostra dentro do ambiente escolar (12).

4.2 Levantamento dos dados bibliográficos

Após a realização da seleção dos artigos encontrados com o uso das palavras-chaves, o resultado foi o total de 17 artigos, sendo 16 artigos com relação indireta com o tema abordado e um apresentando relação direta. Os temas destacados são diversos partindo das construções de sentido sobre a diversidade sexual, passando pela política de educação no Brasil e a ideologia de gênero nas escolas, chegando até no papel do professor e suas concepções no tocante à modelos de educação sexual.

Antes de falar sobre masculinidade ou feminilidade, existe a necessidade de compreensão sobre os conceitos de identidade e gênero, a partir daí a sexualidade deixa de ser tratada apenas no âmbito biológico e passa a ser associada a processos sociais de construção da identidade por meio das normas culturais de gênero (CIRIBELLI e RASERA, 2019). Em 2017 esteve em discussão no Brasil a terceira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que tem como eixo central a política pública que estabelece as diretrizes para a educação básica

e um dos pontos mais polemizados foi em torno da temática de gênero e orientação sexual, ganhando mais destaque o discurso sobre ideologia de gênero (FREIRE, 2018).

Mesmo com as atenções voltadas para a construção do diálogo acerca da identidade de gênero nas escolas, é possível encontrar movimentações relevantes por parte de setores conservadores, patriarcais e machistas, liderados em sua maioria por grupos religiosos. Essas movimentações em sua maioria estão direcionadas para a divulgação de vídeos pela *internet* com informações deturpadas sobre a inclusão das questões de gênero e sexualidade nos planos de educação (BORGES e BORGES, 2018).

As ações dos grupos contrários à discussão de gênero e sexualidade nas escolas retardam de maneira incisiva o desenvolvimento e conhecimento a respeito da temática. A adolescência é considerada uma etapa importante da vida do aluno, não pela idade cronológica do ser, mas por ser constituída de mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais (JUNIOR *et. al*, 2018). As suas experiências, o convívio na escola e os exemplos de caráter humano conquistados no seio familiar podem desenvolver alunos com discursos que exalta a masculinidade e coloca a mulher subordinada aos desejos do homem, trazendo a necessidade da escola como questionadora das diversas formas de pensar, ser e estar no mundo (CORTÊS *et. al*, 2019).

4.3 Gênero e sexualidade masculina no ensino de Ciências e Biologia

O único artigo científico trás como principal ponto a abordagem do livro didático a respeito de gênero e sexualidade no ensino de Ciências. Para os autores, o livro é o material mais presente no processo de ensino, entretanto não descartam que é o professor o agente principal para mediar o conhecimento. Para Bandeira e Velozo (2019, p. 1020), “o debate e a visibilização das questões de gênero e sexualidade na educação são primordiais para a promoção da cidadania e do respeito à diversidade”.

Em suas pesquisas os autores mostram que os livros didáticos trazem alguns conceitos como verdades absolutas, não permitindo aos educadores e educandos um debate crítico. A literatura utilizada na descrição do artigo, cita que o livro didático é uma mercadoria e por esse motivo, ele não apenas carregado do interesse educacional, mas político e ideológico também.

Nos relatos trazidos em sala de aula, apresentou-se no artigo a curiosidade partindo de um aluno, ao questionar a professora se iria estudar o conteúdo do sistema genital reprodutor contido no final do livro. Notando assim a docente que não bastam todas as informações que os alunos conseguem receber das mídias e *sites* da *internet* a respeito das relações dos corpos.

“Nossos educandos sentem necessidade de um diálogo direto e que oportunize sanar seus anseios e dúvidas em relação ao seu próprio corpo, à sexualidade e todas as relações que abarcam essa discussão” (BANDEIRA e VELOZO, 2019, p.?).

Os autores analisam e indagam ao notar o sentido de superioridade nas representações masculinas nos livros de Ciências, nos quais as mulheres cientistas são ocultadas pelas referências de cientistas homens. Bandeira e Velozo (2019, p. 1024), informam que “foram poucas as mulheres que tiveram seus feitos reconhecidos pela ciência e tenham sido consideradas merecedoras de prêmios”.

Segundo os autores em pesquisas realizadas, nos livros didáticos de Ciências, cerca de 80% apresentavam a figura masculina como principal representação imagética. Em outra pesquisa, dados como a existência de coleções de livros didáticos de Ciências que silenciam completamente as mulheres cientistas, sejam por imagens ou textos.

Bandeira e Velozo citam a legislação brasileira a respeito da igualdade de gênero e indagam que:

Assim, todas as pessoas devem ser respeitadas, independentemente da identidade e da orientação de gênero, e dos papéis sociais exercidos. Entretanto, sabemos que, por questões históricas, culturais e políticas, os princípios de igualdade encontram muita resistência para serem implementados na realidade brasileira (BANDEIRA e VELOZO, 2019, p. 1025).

Os autores também trazem a importância da formação do currículo, ficando evidente a relação intrínseca entre o currículo e a cultura. Tomando como base os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Ciências, Bandeira e Velozo (2019) ressaltam que os aspectos biológicos, culturais, sociais e afetivos refletem na arquitetura do corpo e que o ensino de Ciências pode contribuir para a formação da integridade pessoal, da postura do respeito e para a compreensão da sexualidade humana sem preconceitos, trechos esses pertencentes aos PCNs.

Como conclusão, Bandeira e Velezo (2019), afirmam que as relações de gênero e sexualidade no ensino de Ciências e nos livros didáticos estão concomitantemente relacionadas às questões culturais e políticas, estas são muitas vezes silenciadas nos livros didáticos ou modeladas no androcentrismo e na heteronormatização. Portanto, a escola deve estar atenta para não cair nas armadilhas das concepções sustentadas pelos pensamentos antidemocráticos.

4.4 Possibilidades de recursos didáticos para o desenvolvimento da igualdade de gênero na escola

A literatura ressalta a importância de se trabalhar corpo, gênero e sexualidade nas escolas, entretanto, essa atividade não é nada fácil para o docente. Para Oliveira *et al.* (2016), a

dificuldade para temática da sexualidade e principalmente na linguagem dos adolescentes, faz emergir a necessidade de práticas que tenham aproximação com o espaço em que o jovem vive. O uso de recursos didáticos que facilitem e tornem as aulas mais prazerosas é um caminho interessante a seguir.

É dentro dessa perspectiva que Meneghel *et al.* (2019), propõe como recurso didático a prática da oficina de bonecos, denominado pelos autores de “bonecxs sexuadx” com uso do “x” como classificador de gênero para abranger a diversidade. Por mais que as bonecas culturalmente estejam inseridas na infância e socialização de meninas, subjetivadas a desenvolver funções femininas como casamento, maternidade e cuidado, para os autores elas também podem ser usadas como formadoras de conhecimento sobre o corpo humano e trazer contextos atuais como a violência sexuais e igualdade de gênero.

A oficina dos bonecxs é designado de um espaço físico/temporal de construção de objetos e transformação de materiais, ela possibilita como ferramenta uma intencionalidade educativa e coletiva (MENEGHEL *et al.*, 2019). Os autores classificam as etapas para a fomentação dos bonecxs: desenho do modelo em papel, marcação no tecido, corte, enchimento com flocos ou espuma, costura dos cabelos, pintura ou bordado da face, elaboração dos órgãos sexuais, costura ou colagem dos órgãos sexuais, confecção das vestimentas e por fim a costura ou colagem das vestimentas, figura 2.

Figura 2 – Modelo de bonecxs.



Fonte: Meneghel *et al.*, 2019.

Segundo Meneghel *et al.* (2019), informa que durante as oficinas todos os participantes conversaram abertamente sobre sexualidade, questionando-se em tempos os padrões normativos impostos pela sociedade. Percebeu-se com a construção das bonecxs que, por sua ludicidade foi possível quebrar a rigidez das normas societárias de gênero, explorar territórios não adentrados e falar sobre sexualidade.

Nas oficinas foram costurados bonecxs de todas as cores, auxiliando a pautar o tema da diversidade étnica e racial. Algumas tinturas foram criadas in loco e aplicadas sobre os bonecxs, outros foram adornados com tatuagens e piercings e tiveram cabelos trançados, tingidos, com colorações e texturas diversas, incluindo uma proposta de usar alpiste como enchimento para que florescessem cabelos vegetais (MENEGHEL *et al.*, 2019, p. 9).

Para os autores, a construção de bonecxs acaba sendo uma mimese, na qual a pessoa exprime uma realidade de si e do mundo como a vê. Para finalizar Meneghel *et al.*, (2019), conclui que a realização de oficinas de bonecxs para discussão de gênero, sexualidade e corporeidade acaba ampliando a compreensão desses temas, com uma abordagem lúdica e criativa, fugindo de abordagens tradicionais focadas apenas em aspectos biológicos.

Outro recurso didático apresentado é o *Role-Play* empregado nos trabalhos para cuidado da saúde adolescente de Paulino *et al.*, (2019), técnica na qual os discentes são convidados a atuar, vivenciando uma situação real do cotidiano em um determinado contexto, cada aluno interpreta um personagem específico. A simulação faz com que os papéis se invertam, possibilitando uma certa criatividade para interpretação dos personagens e desenvolvimento seres altruístas para a sociedade.

Ressalta-se a potencialidade dessa metodologia em conduzir estudantes na reflexão sobre o papel como futuros profissionais, sob a perspectiva do usuário, e fornecer feedback pelo papel do observador. Nesse caminho, o role-play promove o aprendizado na prática e sobre a prática ao atuar suscitando experiências e sentimentos prévios articulados para a dramatização e ao refletir retrospectivamente na forma como a dramatização se concluiu (PAULINO *et al.*, 2019, p. 666).

Paulino *et al.* (2019), conclui que o uso de metodologias ativas como o Role-Play consolidou o papel do discente como agente transformador da realidade, auxiliando o empoderamento e tomada de decisões saudáveis por parte dos adolescentes e jovens. A simulação mostrou-se capaz de resultar em ganho de conhecimento tanto para os alunos quanto para os professores, acerca da formação nos aspectos de gênero e sexualidade, superando discursos e práticas que não cuidam de todas as pessoas.

Para Oliveira *et al.* (2019), no Brasil é crescente a temática da sexualidade, ganhando espaço nas escolas. Entretanto, relacionada às práticas educacionais e comum encontrar aspectos voltados apenas para ações formuladas sob o paradigma biologicista, distantes do contexto da vida dos jovens.

Diante das controvérsias o trabalho de Oliveira *et al.* (2019), traz como recurso didático um jogo, chamado de Papo Reto, para o favorecimento da abordagem da sexualidade com adolescente de forma interativa e lúdica. Trata-se de um jogo *online*, destinado a faixa etária de 15 a 18 anos, cuja cenografia representa uma cidade e os ambientes: casa, escola, *internet*, balada e rua são acessados e visitados a medida que os alunos vão respondendo às situações-problemas que vai encontrando pelo caminho. “Sob uma perspectiva generificada e

emancipatória, o jogo leva em conta a construção social da sexualidade e a articulação com outros construtos sociais que possibilitam as diferentes vivências da masculinidade e da feminilidade” (OLIVEIRA *et al.*, 2019, p. 2384).

São exemplos de temas abordados no espaço da Casa: a descoberta do corpo e o diálogo com os pais; na Escola: o namoro e o ciúme ou confiança; na Balada: as drogas e conquistas; na Internet: a pedofilia e o sexo virtual. Ao mesmo tempo em que os jogadores se posicionam em relação às situações-problema, também podem Curtir, Não Curtir e Comentar as respostas dos demais. Podem ainda se tornar colaboradores, postando suas próprias situações ou perguntas (OLIVEIRA *et al.*, 2019, p. 2384).

O ambiente do jogo apresentado na figura 3, segundo os autores, se enquadra na categoria *Mimicry*, o qual por meio da mímica e disfarce, o jogador se distancia do seu papel social e assume o personagem escolhido. No ambiente virtual, a interação se torna o objetivo principal para desconstruções e novas construções de conhecimentos, para Oliveira *et al.* (2019), a problematização da realidade se revela como indispensável ao processo de ensino-aprendizagem.

Figura 3 – Ambiente virtual do jogo Papo Reto.



Fonte: Fapemig, 2016.

Os autores concluem que com o uso do jogo Papo Reto, foram identificadas motivações para o diálogo e reflexão a respeito da realidade, anulando as dúvidas que jovens tiveram o tema proposto. Para Oliveira *et al.* (2019), uma transformação de qualidade referente a saúde, educação e políticas públicas voltadas para jovens, deve-se priorizar os diferentes modos que facilitem o processo de ensino-aprendizagem, tornando mais susceptíveis ao público-alvo,

formando alunos pensantes, sensíveis e atuantes na construção de uma sociedade com mais igualdade de gênero para as meninas e meninos.

Carvalho *et al.* (2017), apresenta em seu trabalho o desenvolvimento e aplicação de um questionário de conhecimentos sobre sexualidade (QCS), figura 4. Para a construção desse recurso didático foram levadas em consideração as variáveis pessoais (gênero, idade, escolaridade, religião, nacionalidade e residência) e educacionais (escolares e familiares). Para avaliação do conhecimento foram empregados 25 itens que pretendiam ilustrar seis áreas temáticas da educação sexual.

Figura 4 - Questionário de conhecimentos sobre sexualidade (QCS).

1. Quase todos os jovens têm relações sexuais antes dos 18 anos.
2. Uma rapariga pode ficar grávida mesmo que o rapaz não ejacule dentro da vagina.
3. Depois da excitação e com o pênis em ereção, o homem deve ejacular porque podem surgir problemas se não o fizer.
4. A Sida pode apanhar-se através do beijo na boca.
5. O sexo oral e o sexo anal não possibilitam uma gravidez, mas podem provocar algumas doenças sexualmente transmissíveis.
6. A satisfação sexual não pode ser atingida sem penetração.
7. Antes da colocação do preservativo deve-se verificar sempre o estado de conservação da embalagem, a validade e o controlo de qualidade.
8. A pílula do dia seguinte só deverá ser utilizada como método de exceção e nunca regularmente.
9. Não existe risco de gravidez quando se utiliza o método "coito interrompido".
10. Uma pessoa que tem um teste VIH positivo, tem sida.
11. O consumo de álcool diminui a percepção dos riscos nos comportamentos sexuais.
12. Uma mulher pode apanhar o VIH se tiver sexo anal com um homem.
13. Uma rapariga não engravida se tiver tido relações sexuais durante a menstruação.
14. Ter sexo mantém uma relação amorosa.
15. A sexualidade restringe-se às relações sexuais.
16. Fazer um teste de VIH uma semana depois de ter sexo dirá a uma pessoa se ele ou ela têm VIH.
17. Uma rapariga pode ficar grávida na primeira vez que tem relações sexuais.
18. O vírus do HIV pode transmitir-se através do sexo oral desprotegido.
19. A pílula previne contra as infeções sexualmente transmissíveis (IST's).
20. Um adolescente não precisa de autorização dos pais para pedir o preservativo ou a pílula num Centro de Saúde ou noutras consultas de atendimento a jovens.
21. Não há uma idade própria para se iniciar a vida sexual.
22. O sexo é uma forma de prazer.
23. Ter sexo com mais de um parceiro(a) pode aumentar a probabilidade de uma pessoa ser infetada com o VIH.
24. Qualquer aconselhamento na área da sexualidade que aconteça na escola deve ser dado a conhecer aos encarregados de educação.
25. A única forma de evitar a transmissão do VIH numa relação sexual é o uso do preservativo.

Fonte: Carvalho *et al.* (2017).

As temáticas abordadas no questionário mediante os autores foram as seguintes: (1) Primeira relação sexual e preocupações sexuais; (2) Sexualidade e prazer sexual; (3) Contraceção e práticas sexuais seguras; (4) Prevenção da gravidez; (5) Infeções sexualmente transmissíveis e VIH/SIDA e (6) Aconselhamento e atendimento em saúde sexual e reprodutiva (SSR).

No processo de construção e aperfeiçoamento da escala, optámos por submeter o questionário, na primeira etapa, à apreciação de dois jurís com conhecimento na área, que avaliaram a pertinência das dimensões definidas, a adequação dos itens às dimensões e a própria formulação dos itens (CARVALHO *et al.*, 2017, p. 254).

Além dos jurís, os autores informam que o questionário também passou por uma avaliação de 35 pedagogas, fazendo com eles tivessem opiniões relacionadas a alguns aspetos

do questionário como grau de facilidade, adequação das instruções, tempo médio de aplicação do questionário, qualidade dos itens referente à linguagem, ao conteúdo e à apresentação.

Como conclusão Carvalho *et al.* (2017), informam que os dados obtidos com a aplicação do QCS permitem reforçar a importância de assegurar que os adolescentes possam eliminar as suas dúvidas e tenham acesso à informação correta. O questionário poderá ser usado como um recurso de utilidade para as instituições, que pretendam aplicar intervenções de prevenção dos comportamentos sexuais de risco e vislumbre o comportamento preventivo pelos jovens.

4.5 A masculinidade e a escola

Dentro das perspectivas sobre a formação da masculinidade, Freire (2018), informa que não existem gêneros verdadeiros e falsos e sim apenas comportamentos produzidos como efeitos de verdade criados sob discursos a respeito da identidade. Assim, a discussão em si, não se trata simplesmente de uma argumentação de ideias quanto a estruturação do gênero, pois a ideologia traz a formação do homem com pênis e a mulher com vagina, alicerçando apenas o sexo masculino e feminino, mas sim com a formação da sua identidade.

A autora mostra que a heteronormatividade formada por meio de práticas políticas e religiosas, mostram apenas os seres binários homem e mulher e suas imposições sobre o que pode ou não ser dito, quem pode ou não dizer, sobre o que se pode dizer e o que não pode carregam discursos ideológicos quando do feminicídio, homofobia, transfobia, que procura nas pessoas agredidas comportamentos sexuais não aceitos moralmente para serem dignas de proteção.

Para as autoras Ciribelli e Rasera (2019), a construção refinada do gênero por meios normativos da sociedade, afeta grandemente as fantasias infantis e comportamentos escolares ainda no ensino infantil. O discurso normatizador abomina a criatividade infantil relacionadas a fantasias, as meninas não brincam de serem pais, avós ou super-heróis masculinos e sempre aparecem como mães ou princesas. O mesmo acontece com os meninos que precisam de argumentos bem convincentes para assumirem papéis de gênero feminino em suas fantasias sem serem chacotas em salas de aula.

Em seu artigo publicado em 2019, Córtes *et al.*, exprimem que ao proporcionar atividades que trabalhem corpo, gênero e sexualidade em sala de aula, verificou certo dia escritos no quadro branco referentes ao órgão genital feminino, escrito pelos discente de sexo masculino. A professora indagou às alunas o porquê não se posicionaram contra os escritos, ao relatarem para ela como uma forma de violência, terem apagado o quadro ou chamado a equipe

diretiva da escola? As meninas se sentiram intimidadas pelas posturas de seus colegas de sala ou até mesmo com medo de serem insultadas ou ameaçadas. Esse posicionamento da parte feminina, ressalta a construção da sociedade que produz o homem como aquele que tem voz, que fala o que quer e a mulher apenas como expectadora e deve permanecer quieta.

Nas instituições escolares é comum encontrar situações em que um garoto precisa ser viril para poder ganhar respeito e aceitação por parte do alunado. Junior *et al.* (2018), relatam que muitos meninos que apresentam “jeitos” femininos, optem pela descrição e se comportem não como se sentem bem, mas como a sociedade imputa como o correto. Essa é uma forma de enfrentamento às práticas obrigatórias vivenciadas tanto no ambiente escolar como familiar para ficarem livre de acusações e violências.

Gênero e sexualidade são construções sociais e culturais, mas, em geral, são tomadas por muitos como categorias “naturais”. Há um padrão social imposto que constrange aqueles que não se conformam com as normas que preconizam a superioridade branca, masculina, heterossexual e monogâmica (BRANDÃO e LOPES, 2018, p. 116).

Para Borges e Borges (2018), temos todos que aprender que não importa de onde as diferenças aplicadas na sociedade vieram ou como surgiram, o que se deve focar são as necessidades de discussão na dimensão do respeito ao outro. As autoras se baseiam na Antropologia, ao citar que o que nos torna humanos são nossas diferenças e isso faz parte da criatividade humana e das criações culturais e históricas.

No ambiente escolar, para Santos *et al.* (2017) a combinação entre os processos de construção do comportamento de uma masculinidade representativamente heterossexual e a aversão proporcional à homossexualidade masculina, comumente tem respaldo no que é chamado pela literatura de masculinidade hegemônica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar como o ensino de Ciências e Biologia pode contribuir para a formação do aluno a respeito das questões de gênero, corpo e sexualidade. Para tanto, realizou-se o levantamento de artigos científicos na plataforma *Scielo* de 2016 a 2021, como forma de compor textos que auxiliem de alguma forma os professores em sala de aula sobre a masculinidade. Foi possível observar que existem poucos trabalhos publicados para o tema proposto e quais as temáticas mais abordadas relacionadas as palavras-chaves utilizadas.

Se tratando dos autores, foi percebido que existem dois contextos explorados para o estudo do gênero e identidade sexual, o ser biológico masculino e feminino, que com o passar do tempo vai ganhando experiências e formando a sua sexualidade baseados em sua cultura e do seu ser perante a sociedade, formando assim a sua identidade não apenas no âmbito biológico, mas também da sua realidade social.

A partir da análise dos artigos, alguns recursos didáticos foram apresentados como forma facilitadora de troca de conhecimentos para o assunto de corpo, gênero e sexualidade entre aluno/professor e vice-versa. Questões antes polêmicas em sala de aula, tabus e preconceituosas, podem ser trabalhados de forma lúdica, criativa e em um ambiente próximo a realidade dos jovens, ganhando solidez e sanando dúvidas.

Foi possível compreender que o ambiente escolar pode ser em muitas vezes propiciador de práticas preconceituosas, violentas e desrespeitosas. Jovens que não pertencem aos padrões da heterocisnormatividade podem sofrer retaliações, precisando viver um personagem diferente do seu ser para conseguir aceitação e respeito.

A igualdade de gênero, a desestruturação de uma sociedade patriarcal e a reconstrução da masculinidade perante a sociedade, podem trazer resultados positivos para as pessoas. Ao longo do texto algumas reflexões e compreensões trazem a masculinidade e a feminilidade como algo a ser discutido veemente em sala de aula de forma democrática, respeitando as diferenças e contribuindo de forma ativa para a formação dos jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, Juliana Pronchnow; CARDOSO, Livia de Resende. Hanami ou corpos fogem, vazam, escapam. **Revista Tempos e Espaço em Educação**. v. 7, n. 12, p. 69-78, 2014.
- BANDEIRA, Andreia; VELOZO, Emerson Luiz. Livro didático como artefato cultural: possibilidades e limites para as abordagens das relações de gênero e sexualidade no Ensino de Ciências. **Ciênc. Educ.** Bauru, v. 25, n. 4, p. 1019-1033, 2019.
- BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Bíblia de Estudo. **Nova tradução na Linguagem de Hoje**. Barueri. Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- BORGES, Rafaela Oliveira; BORGES, Zulmira Newlands. Pânico moral e ideologia de gênero articulados na supressão de diretrizes sobre questões de gênero e sexualidade nas escolas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, 2018.
- BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; ORIANI, Valéria Pall. Relações de Gênero na Escola: feminilidade e masculinidade na educação infantil. **Educação Unisinos**, v. 17, n. 2, 2013.
- BRANDÃO, Elaine Reis; LOPES, Rebecca Faray Ferreira. “Não é competência do professor ser sexólogo” O debate público sobre gênero e sexualidade no Plano Nacional de Educação. **Dossiê: Gênero e sexualidade**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 100-123, 2018.
- CARDOSO, L. R.; PARAISO, Marlucy Alves. Tecnologia de gênero e a produção de sujeitos no currículo de aulas experimentais de ciências. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, p. 155-177, 2015. Disponível em: <<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss1articles/cardoso-paraiso.pdf>>. Data de acesso: dezembro de 2021.
- CARDOSO, Livia de Rezende; BERTOLDO, Tássia Alexandre Teixeira; SANTOS, Linda Brasil de Azevedo. Gênero e Sexualidade na Formação Docente: Um mapeamento das pesquisas entre Norte e Nordeste. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**. Araraquara, v. 24, n. 3, p. 1743-1764, 2020.
- CARVALHO, Cristiana Pereira *et al.* Conhecimentos sobre sexualidade: Construção e validação de um instrumento de avaliação para adolescentes em contexto escolar. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 2, n. 30, p. 249-254, 2017.
- CIRIBELLI, Carlos José de Moura; RASERA, Emerson Fernando. Construções de Sentido sobre a Diversidade Sexual: Outro Olhar para a Educação Infantil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, p. 1-15, 2019.

- CÔRTEZ, Rita de Cássia Santos; FERRARI, Anderson; SOUZA, Marcos Lopes. “Sobre a sua buceta, responda...”: escolas e constituição de sujeitos em meio a jogos de poder. **Pro-Posições**. Campinas, v. 30, 2019.
- CRUZ, Marlon Messias Santana; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 15, n.1, p. 116-131, jan/mar. 2009.
- FAPEMIG. #PapoReto: Jogo aborda sexualidade de forma interativa para o público jovem. **Blog da Saúde**. Belo Horizonte, 29 set. 2016. Disponível em: <http://blog.saude.mg.gov.br/2016/09/29/jogo-papo-reto-aborda-sexualidade-de-forma-interativa/>. Acesso em: 17 abr. 2022.
- FIALHO, Lia Machado Fiuza; NASCIMENTO, Lorena Brenda Santos. O que os gestores escolares da rede pública entendem sobre gênero? **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 21, n. esp. 2, p. 927-945, nov. 2017.
- FIGUEIREDO, Bianca Araci; FERNANDES, Hylío Laganá. O ensino de biologia como (re)significação das normas de gênero no contexto da segregação horizontal. **XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Natal, 2019. Disponível em: <<http://abrapecnet.org.br/enpec/xii-enpec/anais/resumos/1/R1410-1.pdf>>
- FRANÇA, Fabiane Freire; CALSA, Geiva Carolina. Gênero e Sexualidade na Formação Docente: Desafios e possibilidades. **Revista Sociais e Humanas**. Santa Maria, v. 24, n. 2, p. 111-120, 2011.
- FREIRE, Priscila. ‘IDEOLOGIA DE GÊNERO’ E A POLÍTICA DE EDUCAÇÃO NO BRASIL: exclusão e manipulação de um discurso heteronormativo. **Ex æquo**, n. 37, p. 33-46, 2018.
- FREITAS, Cláudia Jorge; MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos; BAIÃO, Jonê Carla. Questões de gênero e sexualidade na escola: narrativas docentes. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 13, n. 32, p. 1-15, 2020.
- GABARINO, Mariana Inés. O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância. **Caderno Pagu**. São Paulo, v. 63, 2021.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar um Projeto de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- JUNIOR, Dilton Ribeiro do Couto; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; POCAHY, Fernando Altair. Gênero, sexualidade e juventude(s): Problematizações sobre heteronormatividade e cotidiano escolar. **Civitas**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 124-137, 2018.
- LIMA, Tatiane. Educação básica e o acesso de transexuais e travestis à educação superior. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. Campo Grande, n. 77, 2020.

LIMA, Yasmin Cartaxo; GODOY, Elenilton Vieira. Esboço de uma Teoria de Capital de Sexualidade no Campo Educacional Brasileiro. **SciELO Preprint**. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ, p. 14-36, 1997. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5746708/mod_resource/content/4/G%C3%AAnero%2C%20Sexualidade%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20-%20uma%20perspectiva%20p%C3%B3s-estruturalista%20-%20Guacira%20Louro.pdf>. Data de acesso: dezembro de 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 16, p. 201-218, 2007.

MARTINS, Pedro Paulo de Almeida; NASCIMENTO, Marla Anaiê Belfot. O Problema Social com a Violência de Gênero com a Mulher: um desafio na sociedade com o enfrentamento desenfreado por questões e cuidados com o direito à vida. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v.7, n.5. 2021.

MENEGHEL, Stela Nazareth; DANILEVICZ, Vatsi Meneghel; FONSECA, Evirlene de Souza. Oficina de bonecas sexuadas – um relato de experiência. **Interface**. Botucatu, n. 23, 2019.

OLIVEIRA, Rebeca Nunes Guedes *et al.* Limites e possibilidades de um jogo online para a construção de conhecimento de adolescentes sobre a sexualidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 8, p. 2383-2392, 2016.

PARANHOS, William Roslindo. **A Confissão de Fé das Identidades Trans de Balneário Camboriú: qual o reflexo da vivência do “divino” na construção de suas subjetividades?** Monografia (Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2016.

PAULINO, Danilo Borges *et al.* *Role-Play* como Estratégia Pedagógica para Problematizar as Linhas de Cuidado Integral em Saúde aos Adolescentes e Jovens. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Uberlândia, v. 43, n. 1, p. 662-671, 2019.

PESSOA, Emerson Roberto de Araújo. Políticas públicas, a atuação docente e o desenvolvimento de habilidades: gêneros e sexualidades na educação básica. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, n. 12, 2012.

REIS, Cristina d'Ávila. **Currículo Escolar e Gênero: a constituição generificada de corpos e posições de sujeito meninos-alunos**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2011.

RIBEIRO, Cristiane de Paula. As Implicações do Patriarcado na História das Mulheres: apontamentos históricos. **Revista Gênero**, Niterói, v.22, n.1, p.1-1. 2021.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set. 2006.

SANTANA, Grazielle de Oliveira; SANTOS, Arlete Ramos. Desafios do Feminismo em Tempos Sombrios de Conservadorismo de Políticas Públicas. **III Congresso Internacional e V Congresso Nacional de Movimentos Sociais e Educação**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2021.

SANTOS, Ana Cristina. **Heteroqueers contra a heteronormatividade: notas para uma teoria queer inclusiva**. Disponível em:

<www.ces.uc.pt/investigadores/cv/ana_cristina_santos.php>. Data de acesso: dezembro de 2021.

SANTOS, Hugo M.; SILVA, Sofia Marques; MENEZES, Isabel. Para uma Visão Complexa do Bullying Homofóbico: desocultando o cotidiano da homofobia nas escolas. **Ex æquo**, n. 36, p. 117-132, 2017.

SANTOS, Jailma; CARDOSO, L. R. Relações de gênero em um currículo de Matemática nos anos iniciais: quantos chaveiros ele tem? **Ensino em Revista**, v. 21, p. 341-352, 2014.

SANTOS, José Nunes. Imagens: representações de gênero no livro didático de biologia. **Colloquium Humanarum**, vol. 9, 2012.

SANTOS, Roniel Figueiredo. Formação Inicial de Professores de Ciências e Biologia para as Discussões de Corpo, Gênero e Sexualidade. **Revista Tecné**. Bogodá. 2021.

SANTOS, Roniel Figueiredo; MACHADO, Lais de Souza; LOPES, Marcos de Souza. "Em Nenhum Momento da Minha Vida Pensei em Trabalhar Sexualidade e Gênero": reflexões de participantes do PIBID-biologia sobre as questões de gênero e sexualidade na educação básica. **Revista Tecné**. Bogodá. 2021.

SOUZA, Elaine de Jesus; DORNELLES, Priscila Gomes; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Corpos que Desassossegam o Currículo de Biologia: (des)classificações acerca de sexualidade e gênero. **Revista e-Curriculum**. São Paulo, v.19, n.1, p. 278-300. 2021.

TAKARA, Samilo. Pedagogias pornográficas: sexualidades educadas por artefatos da mídia. **Revista Brasileira de Educação**. Porto Velho, v. 26, 2021.

UNGER, Lynna Gabriella; CARDOSO, Livia de Resende. Da Reprodução Das Ostras aos Questionamentos do Corpo Sexuado. **Revista Ambivalências**. Aracaju, v. 9, n. 14, p. 14-40, 2021.